
Relatos de Experiência

A ESCRITA COMO ESTRATÉGIA FORMATIVA DE PROFESSORES: PESQUISA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Benedita de Almeida¹
Waldiney Gomes de Aguiar²

RESUMO: Este estudo apresenta e analisa uma experiência de formação de professores de escolas do campo realizada em projeto de extensão universitária. Tomando a escrita como estratégia formadora e sob os pressupostos da teoria histórico-cultural, busca-se identificar a ampliação de conhecimentos sobre a prática pedagógica pelos professores. Os resultados evidenciam a escrita como potencializadora do engajamento na formação e da possibilidade de apropriação de conhecimentos necessários ao trabalho educativo. Destaca-se, também, a importância da relação do docente universitário com a escola de ensino básico como fecundo campo para pesquisa das questões educacionais, por instaurar uma dinâmica de estudos entre os professores, aproximar a pesquisa educacional à concretude das escolas e introduzir a escola real como objeto de reflexão nos cursos de pedagogia e licenciatura, caracterizando a ação de Extensão como uma intervenção política, capaz de possibilitar a reflexão e a ação organizada dos participantes, objetivando a solução de relevantes problemáticas educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão universitária. Formação de professores. Escrita-formação. Francisco Beltrão.

The writing as educative strategy of teachers: research in the university extension

ABSTRACT: This study presents and analyzes an experience of teacher education in the camp schools conducted in the extension project. Taking the writing as a former strategy and under the assumptions of historical-cultural theory, it seeks to identify the expansion of knowledge about the teaching practice by teachers. The results show the writing as an aggravator of engagement in the formation and the possibility of appropriation of knowledge necessary for educational work. It is highlighted, too, the importance of the relationship of university teachers with the elementary school as a fertile field for research of educational issues by introducing a dynamic study among teachers, to approach the educational research to the concreteness of schools and introduce the real school as an object of reflection in pedagogy courses and graduation, characterizing the action of extension as a political intervention that may allow the reflection and the action organized by participants, in order to solve relevant educational issues.

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão (beneditaalmeida@yahoo.com.br).

² Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo, docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão (waldineyprofunioeste@hotmail.com).

KEYWORDS: University extension. Teacher education. Writing-formation. Francisco Beltrão.

INTRODUÇÃO

Tratar de ações de Extensão universitária remete à reflexão sobre a Universidade e sua função social, não justificada por si mesma, mas pelo que possibilita à comunidade em que se insere, em termos de ação e de conhecimento. Trata-se, portanto, de não olvidar suas relações com o Ensino e a Pesquisa, num circuito de retroalimentação dessas três dimensões que, ao se fortalecerem, permitem o avanço na produção de conhecimento e nas possibilidades educativas, com vistas à melhoria das condições de existência social.

A formação de professores é ação diretamente relacionada à construção de um projeto educativo voltado para a transformação social, na perspectiva da emancipação humana. É um processo contínuo e permanente de desenvolvimento profissional, com referências que se situam nos conhecimentos adquiridos durante a formação inicial e durante a atuação profissional, num diálogo reflexivo constante entre conhecimentos, saberes e práticas (GARRIDO, 2000; NÓVOA, 1995; MIZUKAMI, 2002; PIMENTA, 1996). É nessa perspectiva que a formação continuada de professores ganha expressão e se torna reconhecida como necessidade para o pleno exercício profissional.

Como docentes universitários, atuantes na formação inicial de professores e na pesquisa educacional, tais pressupostos também fundamentam nossas atividades na formação continuada de professores, desenvolvidas pelo projeto de extensão “Formação Continuada de Professores da Educação do Campo de Francisco Beltrão”, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. Os objetivos são: contribuir com o desenvolvimento profissional dos professores de sete escolas do campo do município, pela ampliação de seus conhecimentos e compreensões sobre a prática pedagógica socioculturalmente situada; produzir conhecimentos sobre o ensino, a formação de professores, a educação do campo; constituir subsídios para políticas públicas educacionais. A metodologia prevê encontros periódicos com os (e dos) professores, para estudos sistemáticos, planejamentos, análises e reflexões sobre as práticas, com acompanhamento.

Nessa proposta, está explícito o reconhecimento de que a relação do professor universitário com a escola de ensino básico constitui um fecundo campo para o estudo das questões educacionais – especificamente, neste caso, a formação de professores e o ensino – e permite a união dos pólos constituintes da universidade, que articulam o ensino, a pesquisa e a extensão. É ação altamente relevante para ambas as instituições: ganha a escola, porque se instaura um processo investigativo em sua dinâmica, com participação dos professores; ganha a pesquisa educacional, porque se aproxima da concretude das escolas; e ganham os cursos de pedagogia e licenciaturas porque a escola real passa a ser objeto de reflexão já nos cursos de formação inicial. O processo instaura um importante diálogo entre os participantes, suas necessidades, conhecimentos e atuação profissional.

Este texto apresenta a experiência de formação dos professores das escolas do campo de Francisco Beltrão (PR), organizada em parceria entre o Projeto de Extensão e a Secretaria Municipal. Refere-se, especificamente, aos resultados de atividades e estudos de um dia de

encontro dos profissionais das sete escolas, reunidos numa comunidade do interior do município. O propósito é apresentar alguns pressupostos, análise e resultados da experiência de formação, destacando a metodologia de uso da escrita como estratégia formadora (ALMEIDA, 2007).

Extensão universitária e formação de professores: percursos metodológicos

A parceria para a formação de professores do campo entre a Secretaria de Educação e a UNIOESTE ocorre há vários anos em Francisco Beltrão e tem permitido importantes ações para a qualificação da educação pública oferecida. O acompanhamento às escolas e a organização de encontros coletivos das equipes pedagógicas e das instituições, com a participação da universidade, têm permitido ao grupo de profissionais apropriar-se de conhecimentos teórico-metodológicos para enfrentar as questões do ensino com maior preparo e segurança. Entretanto, há muito ainda a avançar, pois a escola é um contínuo e constante movimento de práticas e sujeitos em formação, cada um em suas relações singulares com o conhecimento.

No primeiro encontro das escolas, em 2008, nossa atuação efetuou-se no planejamento e organização das atividades e metodologias de trabalho; seleção de textos sobre as áreas de conhecimento, para estudo pelos grupos respectivos, além de um texto mais abrangente sobre a formação humana, para todos os participantes; e acompanhamento geral das atividades nos dois dias de duração. O momento deveria dar continuidade aos estudos sobre a pedagogia histórico-crítica, tendência que, formalmente, orienta os projetos político-pedagógicos das escolas. Para isso, depois de estudarem, os professores discutiram e organizaram o planejamento dos ciclos (anos iniciais do Ensino Fundamental) e das áreas (anos finais do Ensino Fundamental).

A experiência analisada neste estudo refere-se ao primeiro dia do encontro, e sua metodologia de trabalho pressupôs uma intensa participação dos professores. Constituiu-se de: (1) durante a manhã, leitura individual de um texto de base vygotskyana sobre o papel da linguagem no desenvolvimento humano e as possibilidades da educação na formação do indivíduo. Além disso, o texto evidenciava o papel e o compromisso do adulto nessa formação, fator que trazia uma sensação de segurança aos professores, por verem seu lugar social valorizado na condução de uma sala de aula; (2) discussão em grupos, com participantes das diversas escolas, e sistematização dos pontos relevantes do texto, relacionando-os à prática pedagógica, com base nos eixos: ensino, aprendizagem, papel do professor e do aluno; (3) apresentação das sistematizações no grande grupo, com apoio de painéis. Além de consistente discussão teórica sobre a base sociocultural da aprendizagem e formação humana e sobre o papel determinante da linguagem nesse desenvolvimento, o texto de referência do estudo apresentava uma proposta de reflexão e atividade articulada a um fragmento do poema “Geraldos e Arquibaldos”³; (4) a escrita individual (à tarde) de um texto em que os professores pudessem dar visibilidade aos seus conhecimentos, articulados aos desafios do trabalho pedagógico. No final, alguns textos foram sorteados e lidos para o grupo, e cada escola escreveu sua avaliação sobre o processo.

³ Música de Gonzaguinha. A proposta de atividade da autora era: “a partir desta leitura, propomos a escrita de um texto [...], cuja tese central era a seguinte: ‘nós, educadores, podemos considerar o fragmento da canção Geraldos e Arquibaldos como uma metáfora de um bom conselho para guiar nossa prática educacional. No ‘jogo’ de nossa aula, é necessário descobrir maneiras inovadoras e criativas de ‘fazer nosso gol’” (RIOLFI, 2006).

De início, a solicitação da escrita causou inquietações ao grupo, pois, além de constituir atividade desafiadora, que demanda muito esforço, sua socialização representaria uma forma de cada um dar-se a ver ao outro e revelar os significados constituídos com mais aquele momento particular de formação.

Depois de escritos, a leitura dos textos para o grupo evidenciou o estabelecimento de importantes e consistentes reflexões sobre a prática pedagógica e a educação pelos participantes, que manifestaram o desejo de publicar suas produções. A Secretaria Municipal de Educação acolheu a ideia e, então, foi publicado um caderno com os textos dos 52 professores que autorizaram a iniciativa⁴.

Tomamos para estudo, neste trabalho, a escrita dos professores como recurso de formação. Nos 52 textos individuais e seis textos em que as escolas avaliaram a atividade⁵, procuramos identificar suas compreensões sobre o papel da escrita e da interação verbal na própria formação, pelos temas que selecionaram para escrever, articulados à questão proposta. Esse corpus foi lido e analisado, mediado pelas questões: O que as escritas revelam sobre a relação dos professores com os conhecimentos presentes no texto-base dos estudos? Que conhecimentos sobre o fenômeno educativo se evidenciam nas escritas? Que sentidos criam para a escrita na formação, e que podem ser estendidos ao ensino? Ou seja, buscamos identificar quais conhecimentos e questões sobre a prática pedagógica se elaboram nas escritas; que sinalizações da relação com o conhecimento se encontram nos textos, considerando o papel da escrita como mediadora dessa elaboração e as relações do momento particular de cada um em sua relação com o conhecimento.

Entrelaçando a pesquisa, a base social da formação e a função formadora da escrita: resultados da experiência de formação

As questões sinalizadas fazem sentido no interior do campo teórico de nosso percurso de pesquisa e formação de professores (inicial e continuada): a linguagem como constitutiva dos sujeitos; a escrita como atividade de relação com o conhecimento; e os professores como sujeitos socioculturalmente situados, indivíduos concretos e sociais, e produtores da realidade social, pela interação (BAKHTIN, 2002; VYGOTSKY, 1998).

Interação social porque, desde o início, os participantes sabiam que seus textos seriam partilhados com o grupo e lidos pelos formadores. Além disso, ao escreverem, estabeleceram um diálogo profícuo com o texto-base lido e com os conhecimentos e significados constitutivos de sua individualidade. Ao mesmo tempo, remetiam-se aos discursos circulantes nas escolas, entre os pares, professores e gestores. Na tessitura da escrita, transformaram essa palavra social em palavras próprias. Assim, o sentido de suas escritas deve ser visto como mediado pelo diálogo e carregado dos determinismos que as constituem, bem como das marcas ideológicas⁶ de seus contextos de existência, formação e trabalho.

⁴ 85 professores participaram da atividade, mas nem todos se decidiram pela publicação (Educadores do campo – nossas produções. Francisco Beltrão, 2008).

⁵ Uma das escolas não entregou o texto de avaliação da formação.

⁶ Ideologia, entendida no sentido bakhtiniano, como todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras, no espaço de contradição inerente à realidade e ao signo/palavra/interação verbal (BAKHTIN, 2002).

A função mediadora da escrita exerce-se no próprio planejamento da produção textual. Também nessa fase concorre sua função analítica –, a de internalização, de autorregulação e de auto-organização (VYGOTSKY, 1998) –, transformando seu desenvolvimento num movimento constante de identificação de significados, objetivado nos possíveis rascunhos, reescritas, anotações e outras estratégias que o escrevente realiza até chegar à escrita final – movimentos que a tornam uma instância de reelaboração e apropriação de conhecimentos.

Para além de apresentar a concretude da escrita dos professores e as interações em que foram produzidas, descrevendo o fenômeno estudado, portanto, buscamos avançar para o encontro das contribuições possíveis para sua formação. Como argumenta Freitas (2002, p. 8), “trabalhar com a pesquisa qualitativa numa abordagem sócio-histórica consiste [...] numa preocupação de compreender os eventos investigados, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações, integrando o individual com o social”. É importante, portanto, destacar o lugar que ocupa e o papel que desempenha a escrita na dinâmica contextual desses professores – moradores/trabalhadores do campo. Possivelmente, fora os usos religiosos e escassas necessidades individuais cotidianas, a escrita que medeia sua experiência social é a escrita escolar, em seus usos escolarizados.

A leitura dos textos dos professores permitiu identificar alguns temas com maior frequência e como se revelam os discursos que os atravessam. Neles, foi possível encontrar elaborações reflexivas e apropriações dos estudos, movimentos de aproximações, resistências e rupturas, tanto ao discurso circulante na escola, quanto ao proposto na formação.

Nas escritas de avaliação da atividade, verificamos que os pressupostos teóricos do texto estudado, que evidenciam o papel da linguagem e a concepção de aprendizagem por interação (VYGOTSKY, 1998), intencionalmente estendidos à própria dinâmica da atividade de formação, foram compreendidos na sua essência por parte do grupo, para poderem se constituir em orientadores das situações de ensino e aprendizagem em suas aulas. Nesse sentido, são significativos alguns excertos dos textos, como o exemplo seguinte:

a dinâmica de ler e discutir o texto em pequenos grupos oportuniza que a maioria dos participantes, principalmente os mais tímidos, expresse seu ponto de vista, o que não acontece no grande grupo. O momento de expor as conclusões dos grupos também foi muito rico, esclarecendo nossa visão como educadores diante das situações que enfrentamos em nosso dia-a-dia.⁷

A necessidade do leitor, característica da escrita, é valorizada com o destaque desse depoimento para o momento de socialização das escritas e do excerto seguinte, para a sugestão de que os textos fossem publicados.

Utilizada como metodologia de trabalho, a experiência de escrever permitiu o entendimento de seu potencial como instrumento formador e a criação de novas representações sobre sua prática, pelos professores, relacionadas à criação e partilha de significados, como exemplificam alguns fragmentos dos textos escritos para avaliação da atividade:

⁷ Os textos são apresentados na forma em que foram escritos, e a identidade dos sujeitos e escolas foi preservada.

O **desafio** da produção escrita realmente foi **emocionante**, e pena que não foi possível ouvir todos, pela **diversidade de ideias** e forma de expô-las que mostrou a **criatividade** que os professores possuem. / Proporcionou aos participantes a oportunidade de **desafiar-se a produzir**. É a **proposta que temos também em relação aos alunos**. [...] Que os textos produzidos **sejam publicados**. / A produção de texto mostrou uma **riqueza grande**, fazendo com que todos participassem. [...] sempre parceira [referindo-se especificamente à universidade], mostrando **o quanto a leitura e a formação contribuem** para a transposição da teoria com a prática. / **Fugiu do tradicional**, mas isso é bom porque se avalia o que o professor produz [...]. O resultado foi **rico e variado**. / Garante um **melhor aproveitamento**. [...] O professor **precisa desafiar-se e também desafiar seus alunos** (grifos nossos).

Nos fragmentos, depreendem-se as características da escrita de remeter seu autor a um diálogo consigo próprio, assim como se evidenciam os movimentos de esforço intelectual necessário a sua elaboração. As expressões destacadas em negrito são representativas das compreensões dos professores. Ressalte-se, ainda, que a leitura proposta ao grupo apresentava a importância de que o processo de ensino e aprendizagem seja acompanhado de afetividade e se apresente sob a forma de desafios instigadores.

Dos textos individuais, poucos (cerca de 15%) se limitaram à reprodução impessoal de trechos/argumentos significativos daquele proposto à leitura. A maioria, contudo, traz evidências da reconstrução autoral, indicando que o processo de leitura e escrita pode promover o estabelecimento de relações com o conhecimento do professor e do texto, e a produção de uma palavra própria, elaborada em forma de reflexões necessárias à sua atuação. Foi relacionado nas escritas um conjunto de temas que tem implicações decisivas para o trabalho pedagógico. Nos limites deste texto, selecionamos alguns entre os mais recorrentes e que se articulam à tese proposta para estudo: a) compromisso e mediação fundamental do professor; b) papel do conhecimento ensinado; c) reconstrução da prática pedagógica; d) limites e condições de superação; e) formação do professor.

a. Compromisso e mediação fundamental do professor

O importante pressuposto da teoria histórico-cultural de Vygotsky, que situa o adulto/educador como responsável pela transmissão dos códigos da cultura às gerações mais novas, sinaliza para a necessidade de compromisso com essa tarefa. A função mediadora do professor entre a prática social do aluno e a sistematização do conhecimento elaborado também foi objeto das reflexões e registros. Presentes no estudo sugerido, esses argumentos são reiterados nas escritas, evidenciando a necessidade de um ensino que considere o conhecimento, a crítica e a ética:

Para concretizar o ensino e a aprendizagem, é necessário o comprometimento e a responsabilidade do professor-educador. / Para que essa aprendizagem se concretize, é preciso pôr em prática o nosso ofício com responsabilidade, compromisso. / Para educar, ensinar-aprender, é necessário estar disposto a quebrar as amarras do lugar comum, da falta de comprometimento e vontade, do amadorismo e, principalmente,

do egoísmo. Que o professor seja comprometido, responsável, que tenha vontade de ensinar e que acredite no seu aluno, transmitindo o desejo de saber. / Como educadores, temos um papel muito importante e fundamental na vida escolar dos educandos, pois somos nós os responsáveis em transformar o conhecimento já elaborado pela criança mesmo antes de entrar na escola. / Que o professor em seu papel deve agir mediando, planejando e refletindo com antecedência, desenvolvendo, assim, seu papel de ensinar o conhecimento elaborado. Não podendo jamais se esquivar da sua função frente a uma sala de aula. / Levar em consideração as várias funções que a escola desempenha, com o intuito de formar pessoas críticas, responsáveis.

b. Papel do conhecimento ensinado

As escritas evidenciam o papel da escola na ampliação e apropriação do conhecimento pelos alunos, destacando as diversas mediações que devem ser estabelecidas para torná-lo propulsor do desenvolvimento: identificação daqueles que já possuem, criação de novas necessidades, desestabilização do senso comum e transmissão aos alunos, a “posse” de conhecimentos propriamente dita pelo professor. Nesse sentido, assim se expressam:

Incentive na busca do conhecimento. / Dar ao aluno a oportunidade do conhecimento. / As crianças são seres em constante transformação e que dependem da aquisição de conhecimento para seu crescimento pessoal. / Valorizar o que os alunos trazem de casa, desestabilizando [...], fazendo as crianças chegarem ao conhecimento elaborado. / O objetivo maior é a apropriação do conhecimento, que cada um faz do seu jeito. / O professor, ao imbuir-se de seu papel dentro e fora de sala de aula, deve, antes de tudo, buscar sempre ser conhecedor do conhecimento científico com o qual irá, juntamente com seus alunos, interagir. Entender que o conhecimento histórico e culturalmente construído pelas sociedades está inserido em nosso dia-a-dia, mas é na escola que ele se consolida e torna-se conhecimento escolar, através do qual os alunos cidadãos podem e devem intervir na transformação social. / Acreditamos que transmitir conhecimentos é compromisso com a educação. Perceber que a ignorância atrapalha a vida nos possibilita a necessidade da aprendizagem. / [...] no ir e vir de métodos e teorias incorporados ao conhecimento do professor nos anos de estudo e nas experiências vividas

c. Reconstrução da prática pedagógica

Esse foi o tema de maior recorrência. Evidencia como a relação com a experiência é valorizada pelo professor e é intrínseca à sua identidade (PIMENTA, 1996). Nele, as escritas sinalizam o anseio de renovação das práticas e a crença de que a mudança de orientação teórica possa conduzi-los a resultados melhores no ensino. Apontam, também, uma série de “conselhos” que, seguidos, levariam à melhora das práticas pedagógicas e aprendizagens e relacionam o desempenho do aluno com a atuação do professor.

O ensino está precário. Precisamos melhorar. Se o caminho que seguimos é errado. Devemos mudar. / Quem sabe na nova proposta⁸ chegaremos lá. / Nesse jogo, o professor deve estabelecer metas, correr atrás do desejado. Se houver erros e resultados insatisfatórios, não devemos desanimar; voltar atrás é necessário. Assim seu aluno terá novas posturas. / Propor um agir desafiador, elogiar seus acertos e fazê-los crescer com seus erros, elevando sua autoestima, a ponto de fazer com que o aluno supere suas dificuldades motoras, afetivas, cognitiva, partindo de experiências concretas e vivenciadas por elas. / A educação precisa criar condições para o desenvolvimento de capacidades, de uso eficaz da linguagem que satisfaça às necessidades pessoais e sociais, pois é isso que responde à exigência da vida diária e favorece a reflexão crítica e imaginária sobre a realidade / O professor deve trazer ao aluno desafios que despertem mais, para não ficar na “mesmice”, em que nada do que está sendo explicado interessa ao aluno. / Temos o dever de oferecer a eles condições necessárias para desenvolverem o aprendizado. / Deste modo, devemos garantir um aprendizado de qualidade, com significados, sendo claros e precisos, com estratégias que levem o aluno a pensar, refletir, criar hipóteses, armazenar conhecimento e, com isso, poder interagir no meio social. / Portanto, um educador se diferencia pelo seu potencial, suas estratégias, seus conhecimentos, sua competência, sua criatividade, seus desafios, por sua transmissão de valores, auxiliando na vida de seus educandos e na construção de sua personalidade.

d. Limites e condições de superação

As escritas registram as angústias dos professores nas situações em que não conseguem a aprendizagem dos alunos. Apresentam o paradoxal descompasso entre o necessário à aprendizagem e as possibilidades e dificuldades do professor. Dificuldades genéricas, indefinidas, relativas ao professor ou ao aluno, mas que conduzem à frustração, à necessidade de encontrarem culpados e que podem impedir atitudes efetivas e decisivas para a superação. As sinalizações para vencê-las aparecem relacionadas aos discursos que circulam em seu próprio meio, como mudança e inovação, por exemplo, contudo, também apontam para a compreensão das determinações sociais que as produzem.

Sabemos que nem sempre dá certo, que nem sempre se alcança o objetivo. E o que fazer, então, com a educação, quando não dá certo, quando se chega ao final do ano e constata-se que um índice de alunos não conseguiu passar sequer do meio campo? Buscar culpados, se culpar, se frustrar por mais um ano de insucesso? / Muitas vezes preparamos uma aula, achando que vai ser a melhor de todas, mas pode acontecer que saia algo de errado, saímos desanimados. / Entrando numa sala de aula, precisamos estar preparados para enfrentar inúmeras dificuldades que possam ocorrer por parte dos alunos e de nós, professores. / Muitos vão se contundir, alguns serão expulsos pelas dificuldades por não estarem maduros ou preparados para a tarefa. / Com alguns alunos é mais fácil o aprendizado, já com outros é mais difícil, tanto que, às vezes, pensamos que não existem saídas, mas precisamos ir em frente. / [...] as diversas

⁸ Parece clara a referência à nova orientação formal das propostas pedagógicas da rede municipal, fundamentadas na pedagogia histórico-crítica (neste trabalho não é nosso propósito adentrar a essa discussão).

barreiras impostas por uma sociedade capitalista, desde as políticas públicas, má distribuição de renda, desigualdade social e tantas outras, que fazem com que nossos alunos venham para a escola com uma série de carências, as quais precisam ser superadas. Competir com tudo isso em uma escola com recursos e ensino tradicionais torna-se impossível, gerando evasão, indisciplina e fracasso escolar. / Nos últimos anos, a sala de aula vem se tornando algo que nos preocupa, mexe com nosso brio, que nos faz perder sono pelo que nos é apresentado diariamente. Crianças sem limites, sem valores, sem vontade. E, aí vem a pergunta: o que fazer? E a resposta não vem. Para o professor, o difícil é o novo, o diferente, o inovador, o desafiador, para a criança é o essencial.

e. Formação do professor

As escritas selecionadas para esse eixo evidenciam que os professores consideram a formação uma atitude importante para a prática. Referem-se à necessidade de sua continuidade, à sua relação com a experiência e a caracterizam como atitude reflexiva e de engajamento pessoal:

É necessário que nós, educadores, busquemos novos conhecimentos e novas maneiras que façam com que nossos alunos aprendam cada vez mais. / Temos o dever de nos aperfeiçoarmos na arte de educar. / O professor também deve sempre aperfeiçoar seu aprendizado. / Como educador, faz-se necessário repensar continuamente nossa prática. / É imprescindível que repensemos nossas práticas. / O professor não tem respostas claras, como foi acostumado a receber sempre.

Identificamos também algumas ocorrências de possível resistência à formação. Podem refletir incompreensão da leitura ou sedimentação de crenças negativas sobre o papel da educação na formação do indivíduo. Um exemplo refere-se à possibilidade da aprendizagem somente quando “o aluno tiver amadurecido e desenvolvido todas suas capacidades físicas, motoras e psicológicas”, numa alusão clara às concepções que advogam a dependência e condicionamento da aprendizagem em relação ao desenvolvimento, contrárias aos estudos realizados na formação. Esse depoimento desvaloriza, em certa medida, a importante mediação do ensino para introduzir os indivíduos na cultura humana.

O encontro de extensão, pesquisa, ensino e formação pela escrita: considerações sobre o processo

A atividade relatada pretendeu-se formadora, por tratar de uma característica da escrita pouco mobilizada no seu ensino e nas tarefas escolares: seu caráter simbólico e analítico, de instrumento do pensamento, que lhe concede uma dimensão de trabalho que o sujeito realiza sobre si próprio e que a torna produtora de conhecimento. A pretensa linearidade do texto escrito, acabado, esconde uma série de operações de avanço ao novo e retorno ao já escrito para compor a materialidade do corpo gráfico. Operações que conectam o sujeito ao seu mundo de referências, à busca de

significados, e que, principalmente, conecta-o também com o universo social – o outro –, leitor possível, real ou virtual, para quem todo escrito se erige (BAKHTIN, 2000; VYGOTSKY, 1998). Assim, a escrita permitiu aos professores organizarem o conhecimento, objeto dos estudos e reflexões, revelando-se potencializadora do engajamento na formação e da possibilidade de apropriação de conhecimentos necessários ao trabalho educativo, pela integração de conceitos veiculados no texto ao seu universo de referências.

Ao escrever, cada um registrou sua compreensão e, embora considerando que algumas escritas se apresentem como discurso prescritivo ou generalizado, sempre passam a constituir uma resposta pessoal ao discurso alheio e que, cedo ou tarde, ressoará na compreensão responsiva do sujeito. Tomando a formação como lugar de constituição do indivíduo, de suas representações sobre a experiência e a profissão, as vozes próximas e longínquas que registram nos textos têm grandes possibilidades de serem incorporadas à sua “profissionalidade” (BAKHTIN, 2000).

A formação profissional envolve transformações nas formas de relação com o mundo e entre os sujeitos, mediante profícuas mediações com o conhecimento. O estudo proposto ao grupo e a metodologia de seu desenvolvimento pretenderam proporcionar um momento de reflexão, com aporte de conhecimento substantivo sobre o papel, as possibilidades e, principalmente, as necessidades de atuação do educador no processo de formação dos seus alunos. Entendemos que os compromissos dos sujeitos com seu exercício profissional articulam-se diretamente às formas como compreendem o processo que vivenciam cotidianamente e às possibilidades de se sentirem atuantes nos movimentos que desencadeiam – para ensinar ou para aprender.

Esse texto constituiu um encontro de escritas: a dos professores, inserida em processo de extensão, para contribuir com a formação, pelo encaminhamento da reflexão crítica nas escolas, e de pesquisa, com o objetivo de refletir criticamente sobre a prática escolar e o que significa para os participantes. O processo evidencia importantes implicações para os cursos de formação inicial de professores em relação ao ensino e à prática da escrita, sinalizando o quanto ela é necessária para as relações com o conhecimento. Evidencia também o quanto a aproximação às escolas de educação básica pode alimentar a formação feita na universidade.

Nessa perspectiva, a ação desenvolvida pela/na extensão universitária pode se caracterizar como uma intervenção política, capaz de possibilitar a reflexão e a ação organizada do grupo social (professores e docentes pesquisadores), com vistas à solução de relevantes problemáticas no âmbito educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Benedita de. **A escrita na formação continuada de professoras alfabetizadoras: práticas de autoria**. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GARRIDO, Elsa. **Pesquisa universidade-escola e desenvolvimento profissional do professor**. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Educação / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FREITAS, Maria Teresa A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, jul. 2002, p. 21-39.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: _____. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995, p. 15-33.

MIZUKAMI, Maria da Graça N. et al. **Escola e aprendizagem da docência**: processos de investigação e formação. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e a identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 2. p. 72-89, jul./dez. 1996.

RIOLFI, Cláudia R. O papel da linguagem no desenvolvimento intelectual de uma criança. In: _____. **O que é melhor fazer se você tem uma ideia incrível**. USP, 2006. s/n. (EDM 066).

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Submetido em 2 de julho de 2010

Aprovado em 2 de setembro de 2010